

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

34

INSCRIÇÕES 153-157



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1989

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA"
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

HOMENAGEM A SULA LUCRIÃO (*Aegitania*)

Foto 153

Placa funerária romana, paralelepipedica, detectada em 1987, durante as obras de reconstrução de um troço de muralha de Idanha-a-Velha (concelho de Idanha-a-Nova). Servia de suporte à parede mestra de uma casa em ruínas, contígua à muralha, situada na rua de S. Dâmaso; dado o seu posicionamento e as diminutas dimensões do aparelho construtivo do edifício, só nos princípios de 1990 foi possível retirar o monumento para a sé egitaniense.

É de granito de grão médio, idêntico ao de outras epígrafes locais, proveniente da região dos Corgos — Monsanto⁽¹⁾. Apresenta o campo epigráfico ligeiramente rebaixado e envolvido por uma dupla moldura de gola encurtada, hoje totalmente danificada nas faces laterais e nas zonas superior direita e inferior esquerda.

Dimensões: 49 × 78 × 30.

Campo epigráfico: 33 × (61).

[S]VLLA LVCRIO |[...]OROSVCELAEBVLO |[LA]NCIENSI
OPPIDAN[O] | VXOR F(*aciendum*) C(*uravit*)

Sula Lucrião. Ao (...) orosucelébulo (?), lanciense opidano, a esposa mandou fazer.

Altura das letras: l. 1: 7,5; l. 2: 6,5; l. 3 e 4: 5. Espaços: 1: 1,5; 2: 2,5; 3 e 4: 2; 5: 1,5.

Paginação cuidada, verosimilmente segundo um eixo de simetria e sem pontuação. A altura das letras diminui gradual-

⁽¹⁾ Informação, que agradecemos, do Sr. Adelino Beatriz Ramos, guarda do sítio arqueológico de Idanha-a-Velha.

mente, de cima para baixo, não só por se ter dado relevo à identificação do homenageado como também porque o bloco se destinava a ser lido dum plano inferior. Caracteres do tipo monumental quadrado, regulares e verticais. Anote-se a perfeita circularidade do O, a partir de cujo molde se poderão ter traçado o D e o C (este a curvar levemente para dentro no vértice superior); o molde do P, aberto, também esteve decerto na origem do B (assimétrico) e do R (de cauda sóbria); barras horizontais ténues, a acentuar o efeito de claro-escuro conseguido pela diferente profundidade das hastes oblíquas. Paleograficamente, um texto do primeiro quartel do século I da nossa era.

Pouco faltará da inscrição: de facto, como a reconstituição da penúltima linha não oferece qualquer dúvida, no começo da l. 1, atendendo ao módulo dos caracteres, haverá lugar somente para uma letra.

Sulla, cognome que Kajanto considera de muito provável origem etrusca⁽²⁾, regista-se noutra epígrafe de Idanha⁽³⁾, mas a sua ocorrência é rara no território peninsular⁽⁴⁾.

Lucrio pertence, ainda segundo Kajanto, ao número dos cognomes comparativamente frequentes em meio servil e libertino⁽⁵⁾. Na Península Ibérica, para além dos dois testemunhos de Cartagena (CIL II 3456 e 3501) que José Vives não integra no seu *corpus*, anota-se apenas a presença, em Córdoba, dum escravo com este nome, falecido aos dezoito anos, a quem se tece

(2) KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Helsinki, 1965, p. 106.

(3) Em contexto indígena romanizado: *Sulla, Arci filius*, manda fazer por testamento o epitáfio de Caturão, pêsure de sua naturalidade. Vide: ILER 3715a; HAE 1106; ALMEIDA (F.), *Egitânia*, Lisboa, 1956, n.º 55, pp. 176-177; LAMBRINO (S.), in «O Arqueólogo Português», n. s., 3, 1956, n.º 18, pp. 43-44. O cipo detém medidas aproximadas das deste: 57×71×28; o texto distribui-se também em quatro linhas e as letras diminuem de módulo de cima para baixo.

(4) No *corpus* de J. Vives (*Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972 = ILER), registam-se apenas dois exemplos: *M. L. Samnius Sulla*, que dedica, no termo de Sevilha, um ex-voto a Proserpina (ILER 410), e o pai de *Flaccus* (Talavera, ILER 3933), os únicos que Hübner regista também (CIL II 1044 e 5326). Não parece, pois, que o nome do célebre ditador republicano tenha tido popularidade na Península Ibérica.

(5) *O. c.*, pp. 73 e 285. No conjunto do CIL, Kajanto detectou 73 exemplos de utilização deste antropónimo, sendo 46 atribuídos a escravos e/ou libertos.

singular elogio: *amantissimus dominorum, pius in omnibus* (CIL II 5531 = ILER 3886).

Perante as comparações feitas e dada a raridade da onomástica, julgamos poder incluir o homenageado num meio servil, sendo o segundo nome um *agnomen* relacionado com a sua produtividade.

A referida ausência de pontuação dificulta-nos a interpretação da l. 2, em cujo início faltará, decerto, uma consoante. Tentámos isolar diferentes vocábulos: nenhum deles nos convenceu, pela ausência de paralelos identificáveis. A opção por ler aí uma só palavra é, por isso, deveras aliciante; mas também neste caso não haveria termo de comparação. Apesar do nominativo patente na l. 1, o dativo da l. 3 e o O, mais pequeno, que reconstituímos no termo da l. 2, levam-nos a pensar igualmente num dativo para aí. Entre a identificação do homenageado e a menção da sua naturalidade, o mais plausível será ver, na palavra (?) da l. 2, uma função, certamente mais de teor técnico-profissional que administrativo. Com os elementos de que por agora dispomos, não nos é possível ir mais além.

Não é singular a referência a lancienses opidanos na epigrafia de Idanha⁽⁶⁾. Também não se estranha, dada a ocorrência de muitos exemplos, a forma de identificação da dedicante, que omite o seu nome⁽⁷⁾ e usa — abusivamente, do ponto de vista jurídico, em meio servil — a palavra *uxor*, como se de esposa legítima se tratasse.

ARTUR CÔRTE-REAL

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

⁽⁶⁾ Vide ALMEIDA, *o. c.*, n.ºs 23, 27 e 29 (ILER 5356, 5355 e 5351, respectivamente). Sobre a localização deste povo, cf. Jorge de ALARCÃO, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p. 37.

⁽⁷⁾ Devido à preocupação de simetria que presidiu à paginação — bem patente, de resto, no afastamento das siglas finais e na equidistância verificável tanto no começo como no final da l. 4 — não nos parece que haja qualquer nome a anteceder a palavra VXOR, apesar de o campo epigráfico estar aí muito deteriorado.

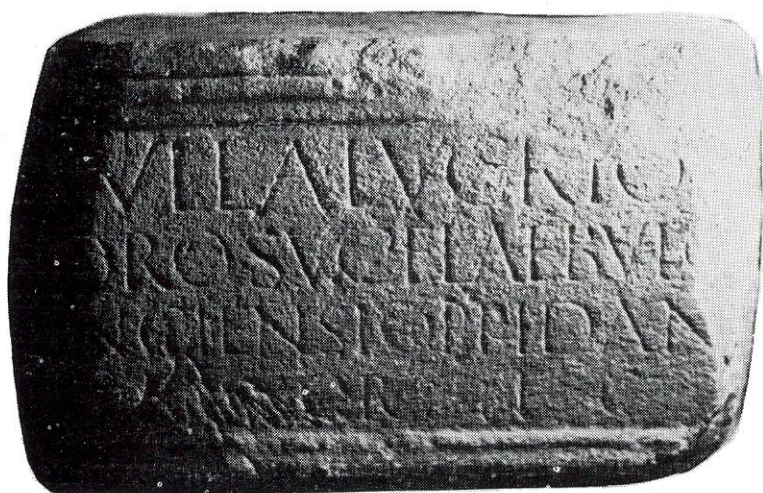


Foto 153

(Fotografia de A. Côte-Real)

EPITÁFIO DE QVADRATVS (*Aegitania*)

Foto 154

Estela funerária romana, detectada em 1987, durante os trabalhos de recuperação na cintura muralhada de Idanha-a-Velha, integrados no plano de valorização daquela importante estação arqueológica, da responsabilidade do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro.

Proveniente da muralha contígua à Rua de S. Dâmaso, encontra-se actualmente recolhida na sé egitaniense, integrando o valioso conjunto epigráfico existente.

É de granito de grão grosseiro, proveniente da região dos Corgos-Monsanto⁽¹⁾. De realçar a rusticidade da pedra na face interior do bloco. A parte superior mais lisa, trabalhada, corresponderia à parte que ficaria visível, enquanto que a mais agreste, a inferior, à zona que se encontrava enterrada. De referir, ainda, a existência de dois orifícios laterais, assimétricos, o da esquerda de forma circular e o da direita para o rectangular.

Apesar de se encontrar consideravelmente fragmentada no canto superior direito, a simplicidade do seu texto permite a sua fácil leitura.

Dimensões: 130 × 44 × 30.

Campo epigráfico: 84 × 44.

QVA[D]/RATV[S] / CVRI . F(*ilius*) / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*)

⁽¹⁾ Informação prestada pelo Sr. Adelino Beatriz Ramos, guarda da estação que, durante 40 anos, recolheu, na sequência dos trabalhos arqueológicos da responsabilidade do Prof. D. Fernando de Almeida, o conjunto epigráfico depositado actualmente na sé.

Aqui jaz Quadrado, filho de Cúrio.

Altura das letras: l. 1: 7; l. 2 a 4: 8. Espaços: 1: 4; 2: 2,5; 3: 2; 4: 4; 5: 87.

Apresenta uma paginação pouco cuidada não se denotando preocupação, por parte do *ordinator*, de distribuir o texto com grande simetria. Letras do tipo monumental quadrado, devendo notar-se, logo na primeira linha, a haste do Q bastante comprida. Na segunda linha evidencia-se a haste esquerda do A quase direita enquanto a outra se encontra oblíqua. A fórmula final distribui-se de uma forma espaçada, abrangendo toda a largura do campo epigráfico.

De referir a antroponímia latina, identificando indígenas romanizados.

Sobre *Quadratus* (*cognomen* latino mas usado por indígenas mais ou menos latinizados), poderemos aduzir os seguintes exemplos lusitanos: *C(aius) Ummidius Durmius Quadratus* era governador da Lusitânia em 37 d. C., aquando do juramento dos Aricienses (IRCP 647); também um edil de *Pax Iulia* se terá chamado (*Marcus?*) *Clodius Quadratus*, conforme uma inscrição funerária de Beja (CIL II 50 = ILER 5552 = IRCP 237); mais para sul, em Alcalá La Real, Jaén, numa inscrição funerária, aparece um *Repentinus, Quadrati et Serenae libertus...* (CIL II 5060 = ILER 2841). Ainda na Lusitânia: (...?) *Flavius M(arci) f(ilius) Gal. Quadratus, aquilifer leg. II ...* em Lisboa (CIL II 226 = ILER 5625); *M(arcus) Licinius M(arci) f(ilius) Gal. Quadratus*, em Lisboa também (CIL II 306 = ILER 5192); (...) *G(ai) Iuli Quadrati*, de Atadoa — perto de Conímbriga («Fcuilles de Conímbriga» II, n.º 55); em Conímbriga, uma marca (?) com *Quadrati* (ibidem, n.º 134 = «Fouilles de Conímbriga» IV n.º 256-257). Na zona de Idanha temos ainda: *Quadratus Talabi f(ilius)*, em inscrição funerária de Villamesias, Cáceres (ILER 2526 e 2727 = CPIL — Cáceres n.ºs 641 e 778); *Q(uintus) Quadrati f(ilius)...*, de Ibahernando, Cáceres (ILER 4766 = CPIL 274); (...) *Avita Quadrati f(ilia) (...)*, Pousafoles, Sabugal (FE 30). Mais para norte, entre outras: (...) *Calpurnius Quadratus, proc(urator) Aug(usti) (...)*, de Astorga (CIL II 2642).

Para *Curius*, não esquecer a tão discutida inscrição do templete da ponte de Alcântara, onde *Caius Iulius Lacer* teria dedi-

cado a obra ao seu amigo *Curius Lacon, igaeditanus*⁽²⁾. Na Egitânia, regista-se em, pelo menos, quatro outras inscrições.

A paleografia, a utilização do nominativo e a ausência da fórmula D. M. S. (consagração aos deuses Manes), levam-nos a atribuir a inscrição à 1.^a metade do séc. I.

ARTUR CÔRTE-REAL *

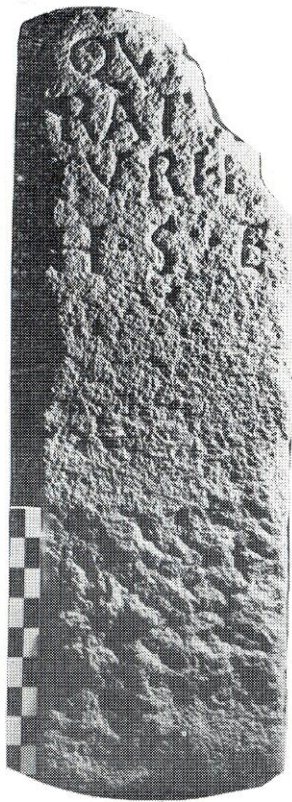


Foto 154

(Fotografia de A. Côrte-Real)

(2) ALMEIDA, Fernando de, *Egitânia — História e Arqueologia*, Lisboa, 1956, p. 29.

* O autor agradece a José d'Encarnação a orientação dada com vista à concretização deste trabalho.

ARA FUNERARIA DE RIBARROJA *

(VALENCIA)

Foto 155

Ara funeraria de mármol rosa («marbre de Buixcarró») con base y cornisa. La cornisa, destrozada por el tractor, ha desaparecido casi por completo. El campo epigráfico está delimitado por una *cyma reversa*. La base presenta una serie de molduras, todas planas, que no corresponden a ningún modelo clásico⁽¹⁾. Todas las caras están pulidas. En la cara lateral derecha presenta un *ascia* de una forma especial, característica de *Valentia*⁽²⁾. El ara, partida en varios fragmentos, ha sido cuidadosamente restaurada con polvo de mármol mezclado con resinas.

Apareció el año 1989, al remover la tierra con un tractor de cadenas, en un campo del polígono 44 situado en el Pla del Nadal, a la derecha del Turia, en término de Ribarroja. En el lugar del hallazgo, que se encuentra a unos 300 m. al SO del yacimiento arqueológico visigótico del Pla de Nadal, aparecieron varios sillares que debían de pertenecer al mismo monumento.

Actualmente el ara se conserva en el parque municipal de la población.

Dimensiones: 128 (no original) $\times$ 76 $\times$ 59.

Campo epigráfico: 61 $\times$ 48.

* Agradezco a D. Juan Calabuig la noticia sobre el hallazgo del monumento.

⁽¹⁾ Precisamente en la epigrafía del País Valenciano, encontramos bastantes casos de combinaciones complicadas de molduras que no siguen los modelos tradicionales; véase G. GAMER, *Formen römischer Altäre auf der Hispanischen Halbinsel*, Maguncia 1989, pp. 94, 95, 286 núm. 10; cf. *ibid.*, p. 101.

⁽²⁾ *Ibid.*, pp. 104, 285-287 núms. 6, 12, 15, 16.

D(is) (*hedera*) M(anibus)
 Antoniae
 Eucharidis
 Brinnius (*hedera*) Anthinus
 5 uxori piae
 [fi]delissimae
 inc[o]nparabili
 ann(orum) (*hedera*) [X]XXV
 fecit

A los dioses Manes de Antonia Éucarís. Brinio Ántino a su mujer afectuosa, fidelísima e incomparable, de 35 años, le ha erigido (este monumento).

Letras: l. 1: 5; l. 2-9: 4.

Como signo de interpunción se usa una pequeña *hedera*. Nexo: HI (l. 4). La *ordinatio* del texto sigue un eje de simetría y está muy cuidada. La escritura, capital cuadrada, está grabada con gran esmero. Por la materia, las dimensiones y realización, el ara es un monumento excepcional en la epigrafía de todo el País Valenciano. Respecto de la escritura, hay que observar que el asta transversal de las A pasa muy cerca del vértice. La E de la l. 3 tiene el brazo inferior muy poco marcado, dando la impresión de ser una F.

La onomástica interesa precisamente por lo que tiene de rara. Los Antonii son frecuentes en *Valentia*⁽³⁾ y *Saguntum*⁽⁴⁾. En cambio, el *cognomen* griego Evcharis ('agradable', 'agraciada') aparece aquí por primera vez en Hispania, aunque era conocido en otras partes⁽⁵⁾. Los Brinnii eran extremadamente raros en el

(3) G. PEREIRA MENAUT, *Inscripciones romanas de Valentia*, Valencia 1979, núms. 5, 22, 23, 33, 36, 43, 44, 47 y 52. Algunos de los Antonii pertenecían a la aristocracia de la ciudad.

(4) F. BELTRAN LLORIS, *Epigrafía latina de Saguntum y su territorium*, Valencia 1980, p. 419, recoge diez Antonii, algunos de los cuales pertenecían a la aristocracia local.

(5) Cf. W. PAPE-G. BENSELER, *Wörterbuch der griechischen Eigennamen*, Braunschweig 1884, p. 431; H. SOLIN, *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, Berlin, Nueva York 1982, p. 867.

Imperio Romano⁽⁶⁾. En Hispania sólo aparecen en *Valentia*⁽⁷⁾. Se puede, pues, concluir, casi con toda seguridad, que los Brinnii de *Valentia* debían de estar relacionados entre sí por vínculos legales o de sangre⁽⁸⁾. El *cognomen* griego *Anthinus* ('florecente') está documentado en poquísimas inscripciones del Imperio⁽⁹⁾, siendo ésta la única vez que aparece en Hispania. Se trata, sin duda, de un matrimonio de ricos libertos. Tanto la mujer como el marido debían de estar relacionados con la aristocracia valentina.

Por el formulario (DM y los adjetivos elogiosos), tipo de monumento y paleografía, puede datarse entre finales del s. II y principios del III.

JOSÉ CORELL VICENT
Universidad de Valencia

⁽⁶⁾ Aparecen en unas pocas inscripciones de Italia y de la *Gallia Cisalpina*. Sobre este gentilicio de origen etrusco, véase W. SCHULZE, *Zur Geschichte lateinischer Eigennamen*, Berlín 1904, pp. 367 y 423.

⁽⁷⁾ G. PEREIRA MENAUT, *o. c.*, núm. 20. Además, aparecen varios Brinnii en una inscripción todavía inédita de *Valentia*.

⁽⁸⁾ El Brinnius de la inscripción de Ribarroja, y los Brinnii de la inscripción inédita de *Valentia*, que llevan *cognomina* griegos, debían de proceder de origen servil. Probablemente eran libertos de la gens Brinnia afincada en *Valentia* y de la que, por ahora, sólo conocemos a un miembro que fue magistrado de la ciudad (G. PEREIRA MENAUT, *o. c.*, núm. 20).

⁽⁹⁾ Cf. W. PAPE-G. BENSELER, *o. c.*, p. 91.



Foro 155

(Fotografia do autor)

ESTELA FUNERARIA DE LIRIA (VALENCIA) *

Foto 156

Estela funeraria de piedra caliza gris oscura, muy porosa. Está cortada desde arriba hasta abajo en el lado izquierdo, rota en el ángulo superior derecho de delante y por abajo. La cara superior, la derecha y la posterior están alisadas. El campo epigráfico, en la parte superior de la cara frontal, está delimitado por una gola inversa.

Se encontró en el mes de octubre de 1990, al derribar la casa de D. Miguel Ricardo Bañuls, en el número ocho de la calle del Remedio. Actualmente se halla depositada en la escuela-taller «Villa Angeles», desde donde será trasladada al Museo Municipal de la ciudad.

Dimensiones: $144 \times (46) \times 46$.

Campo epigráfico: $48 \times (42)$.

Dis M^{añ}ib(us)
[Pub]liciae L[uci] f(iliae)
[Cle?]me(n)tinae
[an]n(or)um XXIII
5 [Di?]dia Ionice
[fi]l(iae) et sibi

A los dioses Manes. A Publicia Clementina (?), hija de Lucio, de 23 años, Didia (?) Iónica para su hija y para sí.

Letras: l. 1: 6; l. 2: 4; l. 3-4: 3,5; l. 5: 4,5; l. 6: 4.

* Agradezco a D. Amadeo Civera, Concejal de Cultura del Ayuntamiento de Liria, el haberme indicado el hallazgo y autorizado su publicación.

No se aprecian signos de interpunción.

Nexos: MA, NIB (l. 1), NI (l. 5).

Inclusión: CE (l. 5). I *longa* (l. 1 y 5).

La ordenación del texto tiende, al parecer, a un eje de simetría, salvo la l. 1, que queda desplazada hacia la derecha. La restitución propuesta para la l. 2 es casi segura. El gentilicio PVBLICIVS/-A, en el País Valenciano, aparece en *Ilici* ⁽¹⁾, *Saitabi* ⁽²⁾ y *Saguntum* ⁽³⁾. Sus portadores son, en general, de origen servil ⁽⁵⁾. La restitución [CLE]ME(N)TINA parece más probable que [VA]LE(N)TINA, aunque este *cognomen* es más frecuente que aquél. La restitución [DI]DIA parece muy probable, tanto por el espacio como por la frecuencia del gentilicio en *Liria Edetanorum* ⁽⁵⁾ y en *Saguntum* ⁽⁶⁾. En cambio, IONICE, conocido en todas partes ⁽⁷⁾, constituye un *hapax* en la Península Ibérica.

Por el formulario (DIS MANIB(VS); ET SIBI, el destinatario en dativo), tipo de monumento (marco moldurado para el campo epigráfico) y la paleografía, puede datarse entre finales del siglo I y principios del II.

JOSÉ CORELL VICENT
Universidad de Valencia

(1) RABANAL ALONSO, M. A. y ABASCAL PALAZON, J. M., «Inscripciones romanas de la provincia de Alicante», *Lucentum* 4 (1985), p. 230, núm. 80.

(2) CIL II 3642 = BELTRAN LLORIS, F., *Epigrafía latina de Saguntum y su territorium*, Valencia 1980 (= BELTRAN), núm. 218.

(3) CIL II 3924, 3932, 3971, 6027 = BELTRAN, núms. 192, 193, 297 y 194 respectivamente.

(4) Cf. ENCARNÇÃO, J. D', *Inscrições romanas do conventus Pacensis*, Coimbra 1984, p. 136: «Publicius é gentilicio habitualmente dado aos libertos duma cidade ou duma colónia».

(5) CORELL, J., «Nuevas inscripciones romanas del País Valenciano», *Saguntum* 19 (1985), pp. 283-284, núm. 2 y pp. 288-289 núm. 6.

(6) CIL II 3973, 6038 = BELTRAN, núms. 327 y 300 respectivamente.

(7) SOLIN, H., *Die Griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, Berlín, Nueva York, 1982, p. 577.

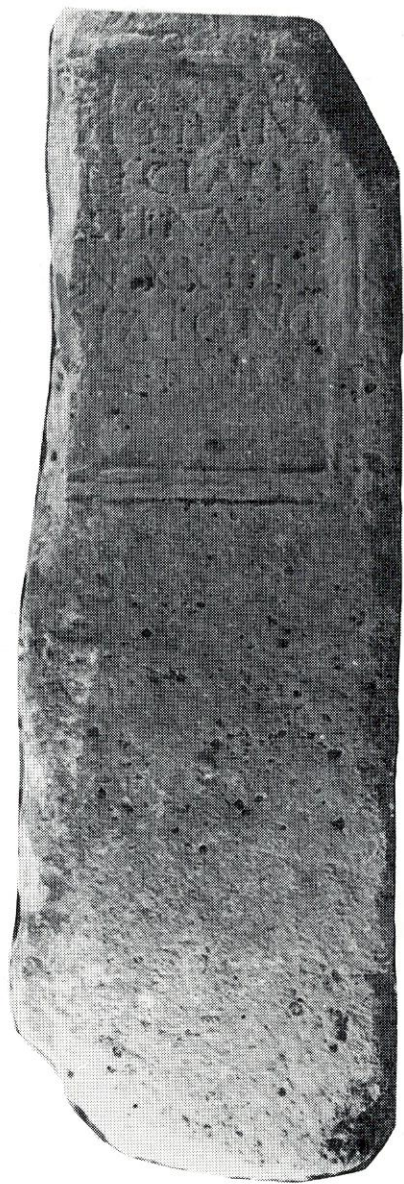


Foto 156

(Fotografia do autor)

Ficheiro Epigráfico, 34, 1990

ARA VOTIVA A ALBVCELAINCVS

Foto 157

Foi o Gabinete de História e Arqueologia da Câmara Municipal de Viseu alertado, nos princípios deste ano de 1990, para o aparecimento de uma pedra com letras junto à capela de Santa Eulália, em Repeses, à saída de Viseu (freguesia de S. Salvador). Imediatamente se deslocaram ali os técnicos Ivone Pedro e João Vaz, tendo recolhido, não uma, mas quatro aras que aí estavam abandonadas, no meio de outras pedras. As aras deram entrada no Museu Histórico, Arqueológico e Etnográfico de Viseu, onde se encontram.

Não sabemos quando apareceram, mas presumimos que tenha sido quando se fizeram obras na capela, há poucos anos, pelo que desconhecemos também as condições do seu aparecimento.

São todas de granito, da região supomos — e é o seu estudo que ora se apresenta.

A primeira ara está partida em três partes mas consideramo-la em bom estado de conservação; a decoração e a inscrição foram apenas ligeiramente afectadas. O frontão apresenta uma moldura constituída por equino e escócia dupla, de ângulos rectos. A existência de um buraco na parte superior (para suportar a imagem do deus?) faz-nos supor que se poderá tratar de um cipo e não propriamente de uma ara.

Dimensões: $75,7 \times 33,5 \times 27$.

Campo epigráfico: $49,5 \times 33,5$.

ALBVCEL/AINCO / EFFICACI / RVFINVS / RVFI F(*ilius*) /
5 AELATIVS / V(*otum*) L(*ibens*) S(*olvit*)

Rufino Elácio, filho de Rufo, cumpriu de bom grado o voto a Albucelainco Eficaz.

Altura das letras: 5,5-6. Espaços: 1: 1,5; 2: ?; 3: 1,3-1,5; 4: 1-1,3; 5 e 6: 1; 7: 0-0,5; 8: 0,5-0,8.

A gravação é perfeita, funda, em bisel. A distribuição do texto é homogénea, notando-se a presença de um paginador.

Os O são perfeitamente redondos e os A têm a forma do auge do Império.

A principal novidade desta ara reside em trazer ao conhecimento mais uma divindade indígena sobre a qual pouco poderemos adiantar, visto que é a primeira vez que aparece. Decompondo o nome, verificamos que contém os radicais *Alb* + *Ocelum* + o sufixo *ainc*-.

Os radicais têm vida própria, entrando na formação de muitos antropónimos e topónimos. *Alb*- entra em nomes como *Albinus*, *Albonius*, *Albura* ou topónimos como *Alpes*, sendo considerado de origem celta⁽¹⁾ ou ligúrica⁽²⁾. Este radical aparece sempre com o significado de 'branco' e ainda hoje nós empregamos a palavra 'alvo' como sinónimo de 'branco', 'puro'.

Ocelum é topónimo, nome de povoações na época romana⁽³⁾. No entanto, entra também na composição de muitos topónimos antigos e actuais. Na região de Viseu, encontramos-lo em *Araoceleum*, povoado romano perto de Mangualde⁽⁴⁾.

No século XVIII, em Vilar de Maçada, concelho de Vila Real, existia uma pedra citada pelo prior, onde apenas se distinguiam letras e algarismos romanos. O sacerdote conseguiu ler ALBO CELO. Hübner concluiu, embora com reticências, que se trataria

(1) Maria Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania, Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 286-287.

(2) Manuel PALOMAR LAPESA, *La Onomastica Personal Primitiva de la Antigua Lusitania*, Salamanca, 1957, p. 27.

(3) M. Lourdes ALBERTOS, *A propósito de algunas divinidades lusitanas*, «Symbolae Ludovico Mitxelena Septuagenario Oblatae», Vitoria, 1985, p. 470-474.

(4) João L. Inês VAZ, *Epigrafia romana da Assembleia Distrital de Viseu*, Viseu, 1987, p. 12-13.

de uma divindade⁽⁵⁾. Depois dele, todos os autores têm indicado este nome entre as divindades indígenas peninsulares⁽⁶⁾. No entanto, não se tem atentado no pormenor em que o sacerdote diz que «se devam haver mais letreiros e algarismos romanos». Ora, os algarismos compreendem-se muito mais numa inscrição funerária do que numa inscrição votiva. Outro pormenor importante é que Hübner escreve duas palavras *Albo + Celo* e, portanto, poderá muito mais facilmente tratar-se de dois nomes em dativo do que apenas um nome. Até que a inscrição reapareça, não se passará de meras hipóteses. Assim sendo, não poderemos dizer que a ara de Viseu vem confirmar a existência de uma divindade já anteriormente conhecida.

No *Itinerário de Antonino*, vias 24 e 26, aparece citada a cidade de *Albocela* ou *Albucela* que, segundo Tito Lívio, era uma cidade dos *Vaceos*. Será a presente ara dedicada ao deus da cidade de Albucela? Nesse caso, a cidade a que o deus se refere será a mesma dos *Vaceos* ou será uma outra cidade mais próxima de Viseu? Ou será Albuclainco mais uma divindade de carácter '*nacional*', tal como Banda, Crouga ou Cosus e, por isso mesmo, adorado em vários lugares? (7).

O epíteto da divindade, *Efficaci*, é inédito e estará relacionado com '*força*', '*virtude*'. Albuclaincus seria, então, uma divindade a quem eram atribuídas determinadas virtudes relacionadas com a força, muito provavelmente. Voltaremos a este assunto quando tratarmos da ara seguinte (FE 158).

Se a antroponímia presente nesta epígrafe não é desconhecida na região, já a forma de identificação é curiosa. Com efeito, utilizam-se dois cognomes para identificar o dedicante. *Rufinus* é cognome usado na Península e na região de Viseu com grande frequência⁽⁸⁾. Aqui surge com a função de *nomen*, quando ele é

(5) CIL II 2394b.

(6) José d'Encarnação (*Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1974, p. 86) considera já que tudo o que se possa dizer sobre esta «divindade» é «meramente hipotético» parecendo duvidar do carácter votivo da pedra de Vilar de Maçada.

(7) Sobre este tema das divindades nacionais e regionais, ver: J. ALARCÃO, *Geografia política e religiosa da civitas de Viseu*, «Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu», Viseu, 1989, p. 309.

(8) A propósito do cognome *Rufinus*, aqui empregado na função de *nomen*, ver: João Luís Inês Vaz, *Epigrafia romana de Cárquere — Mais cinco inscrições*, «Revista da Universidade de Aveiro/Letras», n.º 3, 1986, p. 285-303.

cognomen. Esta disposição faz pensar que se tratará de uma inscrição dos princípios da romanização quando os indígenas, já conhecedores das novas regras, ainda as não tinham, porém, assimilado totalmente. Esta ideia mais reforçada fica, se pensarmos que *Rufinus* é filho de *Rufus*, certamente um indígena.

O cognome *Aelatus* não o encontramos mencionado nos tradicionais *corpora* de inscrições romanas, nem em qualquer outro estudo, pelo que poderá tratar-se de um *hapax*.

Atendendo às características paleográficas e à forma de identificação, atribuímos este monumento à primeira metade do século I.

JOÃO L. INÊS VAZ



Foro 157